



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 22 de Setembro de 1990 • Ano XLVII — Nº 1214 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



«Em cada canto há encantos!» — voltaria a dizer Pai Américo.

PARTILHANDO

• Escrevo-te duma fralda da Estrela enquanto os nossos pequenos distribuidores d'O GAIATO percorrem as ruas da Covilhã, Fundão, Alpedrinha, Alcains, Castelo Branco, Proença-a-Nova, Sertã e Figueiró. Às três da tarde começo a recolhê-los onde pela manhã os «semeei».

Vieram, hoje, alguns de novo. Tudo novidade para eles: A estrada, os campos, as ruas, o carinho dos amigos e, também, tantos olhares indiferentes e quase hostis.

«Vai andando, moleque, desaparece...» E o menino de sacola azul vai mesmo de rua em rua, café em café, à conquista da cidade.

«Senhor Padre, acabo de ler O GAIATO que encontrei na mesinha dum consultório médico. Perdoe as vezes que tratei com indiferença os vossos rapazes do Jornal. A narração do «menino triste» comoveu-me e fez-me reflectir. Não, mais.»

Talvez seja este nosso amigo o «vai andando, moleque, desaparece...»

• Três da tarde. Chegou o Paulo e «sem mais aquelas»: «Olhe que fulano (um dos novos) não serve, passou o dia a comer bolos».

Um chefe de 12 anos a dizer:

— Não serve!

O aprendiz comeu bolos a mais e não mostrou jeito para a venda; logo, a sentença. Chefe e juiz no seu campo de responsabilidade. Sente já, sobre os ombros, a urgência da mensagem, e dá mais valor ao testemunho da Obra do que ao dinheiro do jornal.

• O Cadete está ainda muito fraquito. Dores de espinha no trabalho e, quando pode, cai-lhe a mão sobre os frutos proibidos. Não resiste. Hoje, mandei-o entregar à senhora a saca com as sobras das «buchas», dizendo-lhe:

— Sabes o que isto significa?

— Sei, fique descansado, entrego tudo direitinho.

Ao «tudo» faltou o pacote de bolachas que ia no cimo com embalagem vistosa. Foi superior às suas forças!

— Confiei em ti e fizeste «uma coisa destas»!

Deslizaram, copiosas, as lágrimas roliças e o «não volto»!

Deus te ouça Cadete. Vamos saborear a tua vitória! Haverá bolos e canções! Coragem, «pá».

Padre Telmo

O problema da Habitação

A oitava Semana de Pastoral Social que decorreu, em Fátima, por iniciativa do Secretariado Nacional da Acção Sócio-Caritativa foi dedicada ao problema da falta de habitação. É um problema muito grave. É a raiz de muitos outros. Ninguém pode ficar indiferente porque é um problema nacional. Está em causa a saúde da própria nação. De tal modo assim é que pode considerar-se o problema primeiro.

A Família é a célula dum povo. A Família e a habitação andam de mãos dadas. A Família sem casa não pode viver. Por isso, onde devia estar a fonte da vida a jorrar torrentes de felicidade, raiz de uma nação realizada, tranquila, está a paralisia e, porque não dizê-lo?, a morte. Sim, a morte.

Primeiro, veio a carta. Depois, veio o casal, ainda muito jovem. Precisava de uma ajuda para a casa que andava a construir, há quatro anos, nas horas vagas, que não podia deixar o trabalho donde saía o pão de cada dia. No meio da conversa, a mulher desata a chorar: «Ajude-me, que eu quero ter filhos e não tenho onde os pôr».

A família nasce para ser fonte. E é, tantas vezes, charco porque não tem casa. É uma responsabilidade que diz respeito a todos.

A Semana de Pastoral Social foi uma iniciativa da Igreja. Como me sinto feliz por tê-LA como Mãe!

A maternidade da Igreja revela-se, sobretudo, nos gestos que vão ao encontro dos problemas mais graves do homem, por amor do qual Ela nasceu. A falta de habitação é um deles. Por isso, a Igreja preocupa-se e sofre. É bom que sofra e busque o remédio para a sua dor e não descanse depois de o encontrar.

Continua na página 4

Em Fátima realizou-se a VIII Semana de Pastoral Social. Também lá estivemos. Foram dias de estudo sobre o problema da habitação em Portugal. Esteve presente um grupo razoável de pessoas inquietas com este problema que é inquietante. Pareceu-nos que faltaram muitos que lá deviam estar...

Todos damos conta deste grave problema. Continuamos a ver barracas de lata e outros materiais indecentes. Continuamos a ver habitações de tijolos, somente sobrepostos. Continuamos a ver casas sem portas e janelas. Casas sem rebocos, sem tectos, sem chãos. Continuamos a ver muitos à espera.

CASA DE DEUS — CASA DOS HOMENS — era este o grande título na frente de todos. Casa familiar. A casa de Deus é casa dos Homens. A casa dos Homens é a casa de Deus. Não podemos separar a Família.

Temos mais de quatrocentas mil famílias sem casa. Só se estão a construir cerca de quatro mil

TRIBUNA DE COIMBRA

fogos por ano. Se não houver uma conjugação de esforços para, em plano nacional, se resolver este problema quando teremos todos casa? Quando seremos todos uma Família?

Um dos nossos Bispos que tem dado publicamente conta da Pobreza em Portugal interrogou a consciência dos cristãos que têm mais que uma casa, boa cama e boa mesa, bom ordenado e boa

segurança. Será tudo isto lícito diante de todos aqueles que nada têm e que são como nós membros da mesma família?

Esta pergunta caiu bem fundo em todos os ocupantes daquela sala. Os obreiros activos poderiam não estar lá, mas cada um dos presentes tem de levar a mensagem e ser mensageiro. Trabalho dos vicentinos. Vimo-los inquietos.

Demos conta da presença de poucos párocos. Nós sabemos que a solução está muito naqueles que têm de ser elementos mais activos na Igreja. Mas acreditamos que temos de inquietar todos os que não se querem inquietar. Temos de bater à porta de quem dorme nas horas de trabalho. E insistir... até que se levantem. Foi a lição de Jesus Cristo, ao contar a parábola de quem, à meia noite, foi bater à porta do seu vizinho e bateu sempre até lhe abrirem e darem o pão de que tinha necessidade.

Padre Horácio

ENCONTROS

EM LISBOA

«Já tapámos os buracos todos.» Assim me chegou a notícia, dada num tom de alívio, por uns olhos de brilho enigmático e uns lábios onde o sorriso a custo se esboça. O Domingos, doze anos, participou na fase final dos trabalhos de canalização, cobrindo, com as enxadas, as valas que os mais velhos tinham aberto ou ajudado a máquina a abrir. Creio que todos respiramos um pouco. Foram espalhados mil e duzentos metros de canos e mais de novecentos de manilhas.

Saboreávamos o trabalho realizado e mal tínhamos entrado em contemplação, quando o Ângelo ataca: «Não se vê nada do que fizemos. Tudo ficou enterrado». Olhámos uns para os outros. Fez-se silêncio. Naturalmente que todos vamos saborear os frutos desse trabalho: Melhores condições higiénicas, menos águas nas ruas durante o Inverno, melhor abastecimento de água sem a série interminável de canos rebentados. Tudo isto está

certo, mas continua de pé o «não se vê nada do que fizemos».

Isto levou-me para outros lados e, ao alargar o horizonte dos meus pensamentos, senti-me num mundo onde nada se vê e é em todo esse trabalho escondido que assenta o bom funcionamento da nossa vida. Homens e mulheres, aos milhares, dia após dia, dão um ar especial ao nosso mundo. Ninguém quase dá por eles, a não ser quando alguma coisa vai mal, quando o seu contributo falhou. É no interior das

famílias, na construção, nos hospitais, nas repartições, em todo o lado. Gente sem nome, sem muitas vezes mostrar a cara, sem receber um obrigado... Ao pensar nos nossos canos, senti-me misturado com toda esta gente. A Eucaristia desta tarde vai estar cheiinha. Vou reunir à volta do altar todo este povo e vou apresentá-lo ao nosso Deus, também Ele escondido e actuante.

Escrevo no momento em que as senhoras da Obra da Rua se encontram reunidas em retiro. Um

pensamento especial para elas. As pessoas que nos visitam nem dão pela sua presença. No entanto, elas são as grandes animadoras das nossas Casas: cozinha, rouparia, lavandaria, limpezas, distribuição de carinhos e palavras amigas, esponjas onde se amolecem revoltas... Não aparecem com nomes na praça, quase não se dá por elas nas páginas do nosso jornal. No entanto, que seria das nossas Casas e dos nossos rapazes se não existissem umas Helenas, Margaridas, Virgínias, Teresas, Conceições, Isauras, Adelaides, Marias da Luz, Marias do Rosário? Águas que jorram e nem sabemos como. Vidas escondidas, mistérios de Nazaré, coisas de Deus, mistério da Salvação.

Padre Mannel Cristovão

Agora

O desfile, interrompido na passada edição para não ser demasiado longo, retoma hoje o passo para concluir esta saída em tempo de romarias com suas indispensadas procissões. Esta não se reveste de outra roupagem ou aparato senão do amor do próximo, efectivamente realizado na discreção evangélica de

que não saiba a esquerda o bem que a direita faz.

Um anónimo: «Veio-me às mãos O GAIATO de que minha mulher é assinante. Ao lê-lo, despertou-me o desejo de enviar um pequeno donativo para ajudar qualquer necessidade muito urgente. Desculpem ser tão pouco».

Outro: «Lemos n' O GAIATO casos dos que não têm casa e dos esforços que fazem para a conseguirem. Como partilha traduzida em acto concreto segue uma pequena ajuda para eles ou para onde for julgado mais urgente. Minha mulher e eu lembramos nossos pais já falecidos e os esforços e privações que voluntariamente escolheram para nos possibilitarem ter a nossa casa. Bem hajam pelas possibilidades que nos dão de podermos ajudar».

O dobro — duzentos contos — de um Despachante, do Porto. Dezassete, «quantia que recebi do 14º mês». «Queiram fazer o favor de aplicar onde melhor entenderem. Mas se me permitem, queria oferecer em reparação dos meus pecados e em agradecimento por tudo quanto tenho recebido. Sou reformado, comecei do nada e graças a Deus juntei o preciso para viver bem com minha mulher». Não sei que mais apreciar: se a delicadeza com que nos trata, se o espírito de justiça que o move e o leva a este estado de Paz que a sua mensagem evidencia.

Senhora de 77 anos, «assaltada, agredida e roubada em sua casa», «porque, graças a Deus pude fugir», lembra-se do «Famoso» — «meu apoio e bússola também» e manda cheque de vinte para os Autoconstrutores. Cinquenta, de Torres Vedras: «Graças a Deus, os meus filhos conseguiram empréstimo da Caixa e cada um tem a sua casinha, assim como eu». O dobro de alguém, da Av. Visconde Valmor, «irmão e agradeço pelo Bem que fazem».

Quarenta, de «uma amiga de sempre», de Ponta Delgada. Metade, de Regina, com outro tanto pró Calvário. Igual quantia de Valbom, «parte do meu primeiro ordenado».

Presenças: da «viúva do Assinante 1241»; da Isaura, de Ermesinde; da Adelaide, de Fiães; da Maria, de Coimbra («É pouco, eu sei. Mas é de

todo o coração»); da Armandina, do Porto; do Adolfo, de Lisboa; do João Baptista, do Porto; da Elza, da Maia; da Maria Hermínia, da Foz do Douro; da Maria da Conceição, de Coimbra; da Marcelina, de Aveiro; da Guida, não sei de onde; da Maria do Carmo, de Loulé, que «dou voltas e reviravoltas ao jornal para ver se ficou algum artigo por ler e só lamento lê-lo tão depressa».

Um visitante anónimo deixou cinquenta, ao chefe dos cicerones. Uma Vaz Serra mandou quinze, «agradecendo as vossas orações por alma do meu filho que tanto gostava da vossa Obra».

Elói, com muitas outras lembranças para outros fins em partilha amiga dos seus trabalhos artísticos que tanto o ligaram ao centenário de Pai Américo.

Dois vales, de cinco e quinze, de Albufeira. O mesmo de Ana e o desabafo: «Eu que vivo numa casa de que não gosto, entendo bem o problema da habitação. Só tenho pena de não poder distribuir mais».

Renúncias quaresmais de alunos do Colégio Horizonte. E os Seminaristas do 11º ano de Cernache do Bonjardim: «Doze mil. É o símbolo de mil por cada aluno, de uma pequena festa de finalistas que realizámos». Tal como vós rematais, assim vos desejamos: «Bom trabalho e que Deus vos abençoe».

Reformado do comércio com 89 anos, vivendo só com sua companheira de 87 («mas na nossa casinha!»), tira «esse naco à nossa poupança, com sacrifício», mas feliz por poder fazê-lo.

Cem, de uma viúva de Monção «por alma de meu marido Francisco». Metade, do Porto, e «que o Senhor desperte vocações sacerdotais e femininas para a Obra e conceda as Suas melhores bênçãos aos que a ela já se entregaram». Deus a oiça e nos oiça.

Ainda a propósito do apelo da Irmã Maria do Céu, graças a Deus já respondido, dez mil, da Alice, de Lisboa, e três vezes mais da Deolinda, de Vila das Aves.

Quinze, «renúncia quaresmal» de uma família de Coimbra. Vinte — «A minha primeira reforma. Faz de conta que me reformei um mês mais tarde. Não é sacrifício».

DOCTRINA



Não procuramos a glória dos homens
S. PAULO

• Antes de anunciar os muitos e variados *maises...*, deixa-me encarecer as Colónias de Campo, cuja cruzada terá início em São Bartolomeu a 23 do corrente e na Sé Nova no domingo seguinte, à hora da Missa; e assim por diante, até correr as igrejas da cidade.

• Não é aquele «distinto orador sagrado» que vai subir ao púlpito, como costuma pôr a Imprensa nas grandes solenidades; pregador que traz consigo fama e nomeada, rendas caras, estola pintada, fitando das alturas os pecadores em baixo, num desvanecido «aqui estou eu» — e Jesus retira-se! Não. É um padrezinho que fez seus estudos nas mangas benevolentes dos Mestres, que troca os casos no latim, que apanhou uma gata a gregoriano; que não tem família, nem bens, nem nome e dorme por esmola do seu Prelado nas palhas do Seminário. Quem sabe? Talvez o Mestre, com pena dele, tome a palavra e diga as coisas que convém dizer para que melhor compreendamos e mais religiosamente dê.

• Não que ele vá pedir coisa nenhuma, porquanto unicamente se propõe chorar o pouco que todos fizemos nos anos antecedentes, deixando em terra, impiedosamente, as pequeninas irmãs dos garotos que este ano devemos levar. Havemos de estender as Colónias de Campo até fins do mês de Setembro, para que o último quartel da temporada seja bem ocupado com um turno de pequeninas pobres, participantes da sorte dos irmãozitos que as antecederam. É necessário trabalhar enquanto faz sol, pois que cedo chega a noite quando ninguém pode trabalhar!...

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)

Ó manhas santas que a Caridade tece!

Fechamos em Espinho com cinquenta «para uma casa em construção destinada a um irmão carenciado dela. Só vos peço uma prece pelo meu filho que foi para Deus aos 28 anos incompletos. As saudades são muitas, mas a conformação com a vontade do Senhor ajuda-me muito. Quantos irmãos nossos desejavam ter a minha cruz!

Todo o meu carinho para vós». Feliz mulher porque vive da Fé! Felizes todos os que somos alvo de tanto amor!

Padre Carlos

Convívio de Antigos Gaiatos de Malanje

Para que a Casa do Gaiato de Malanje não seja esquecida, os antigos gaiatos, juntamente com as esposas e filhos, organizam anualmente um convívio cujo horizonte é termos sempre presente a fraternidade que nos une desde a sua fundação.

Como sempre, a realidade não é uma coisa simples. E, deixando de fora o mapa nebuloso que se abate nas nossas Casas de África, continuamos uma família unida e sem preconceitos.

Este ano, o Norte foi contemplado com o nosso convívio durante dois dias, mas, por afazeres profissionais, não estive presente no segundo dia que decorreu da melhor maneira.

Voltamos a ver, por detrás dos rostos, a alegria do reencontro. A memória é curta, mas não tanto para podermos recordar um tempo já muito distante em que a educação, o trabalho, nos prepararam para a vida, para o futuro.

Nós, gaiatos, em África, nunca tivemos complexos nem preconceitos da Obra que foi construída pela doutrina de Pai Américo. Construimos as nossas Aldeias não para o presente mas para o futuro, onde vivemos com muito amor e com a ideia de que muitos milhares de crianças por lá passariam para serem educadas para a vida.

Hoje, a milhares de quilómetros de distância, temos saudades e recordamos o Kulamuxito (Malanje), a mata que desbravámos, o nosso primeiro tractor a petróleo, os candeeiros e petromaxes a petróleo, a capelinha, o refeitório, as casinhas caiadas de branco, junto à lagoa, com o nosso barco a remos que nos dava prazer nas horas vagas.

Recordamos, depois, as construções da casa-mãe, escolas, oficinas, casas I, II e III para dormitórios, vacaria, estábulos e, não esqueçamos nunca, a nossa estrada alcatroada, a capela e o cruzeiro.

O Padre Telmo a conduzir um tractor nas ruas da cidade de Malanje; e eu ria-me a ver um padre num tractor. Foi o meu primeiro contacto com a Obra da Rua e nem pensava que um dia lá iria parar. Eduquei-me na Casa do Gaiato de Malanje e não estou arrependido.

Recordamos as viagens que o Padre Telmo fazia a Luanda e outras cidades, quase sempre acompanhado com um ou dois rapazes; e, quando uma viagem não decorria da melhor maneira, ficava muito triste e pensativo; mas, também recordamos a sua alegria e o brilho dos seus olhos quando as viagens corriam bem. Tínhamos sempre direito a uns bolinhos e coca-cola.

Recordamos, também, com muita alegria, os irmãos que ficaram em África a marcar a presença da Obra da Rua. Costumam fazer-nos visitas e mandam notícias.

Recordamos, ainda, as dificuldades da nossa Casa de Malanje e a forma como a população malanjina as resolvia. Estavam sempre prontos a ajudar a menina bonita da sua cidade.

Um convívio não é só a presença física de pessoas. A presença de espírito é muito importante, pois, com ou sem dor, podemos lembrar tudo aquilo que nos é tão querido. Este o sentido destas minhas palavras e que tentam reflectir as saudades e o amor que temos à Obra da Rua, a Pai Américo, através da Casa do Gaiato de Malanje.

Até ao próximo ano, aonde?... Na altura própria saberemos.

Manuel Fernandes

CARTAS

«Sempre adquiri O GAIATO ao gaiato, na rua, admirando a cara feliz com que o fazia...

Recusá-lo seria uma desculpa íntima para a criança...

Prefiro continuar a proceder como sempre e os donativos são anónimos. Fiz toda a minha vida escolar e académica em Coimbra e recordo com saudade as palavras amigas e cheias de amor de Pai Américo que tive a honra e prazer de contactar pessoalmente.

Assinante 28997»

As coisas boas ou más da vida que nos acontecem na adolescência ficam marcadas no nosso ser para sempre!

Assinante 52834»

«Nunca, o Famoso foi mais famoso!

O melhor, igual a muito bom, está no seu miolo, na parte espiritual, na parte humana. Vou mais longe: na parte cristã e poética.

Neste comemorativo meio século da Obra da Rua, vemos o Padre Manuel Cristóvão mostrar o que Deus pode fazer destes seus filhos, julgados, erradamente por nós, filhos do pecado. Nós, crianças, dizemos não à poluição porque não queremos a destruição! Não queremos ver os homens combater, os animais a sofrer, as flores a arder, o mundo a morrer. Queremos ajudar os pássaros do ar a voar, os peixes do mar a nadar, as plantas do campo a nascer, os bichos da terra a crescer, os jardins a florir, o homem a sorrir.

Nós, crianças, amamos a Natureza, porque queremos a vida.

Assinante 8120»

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

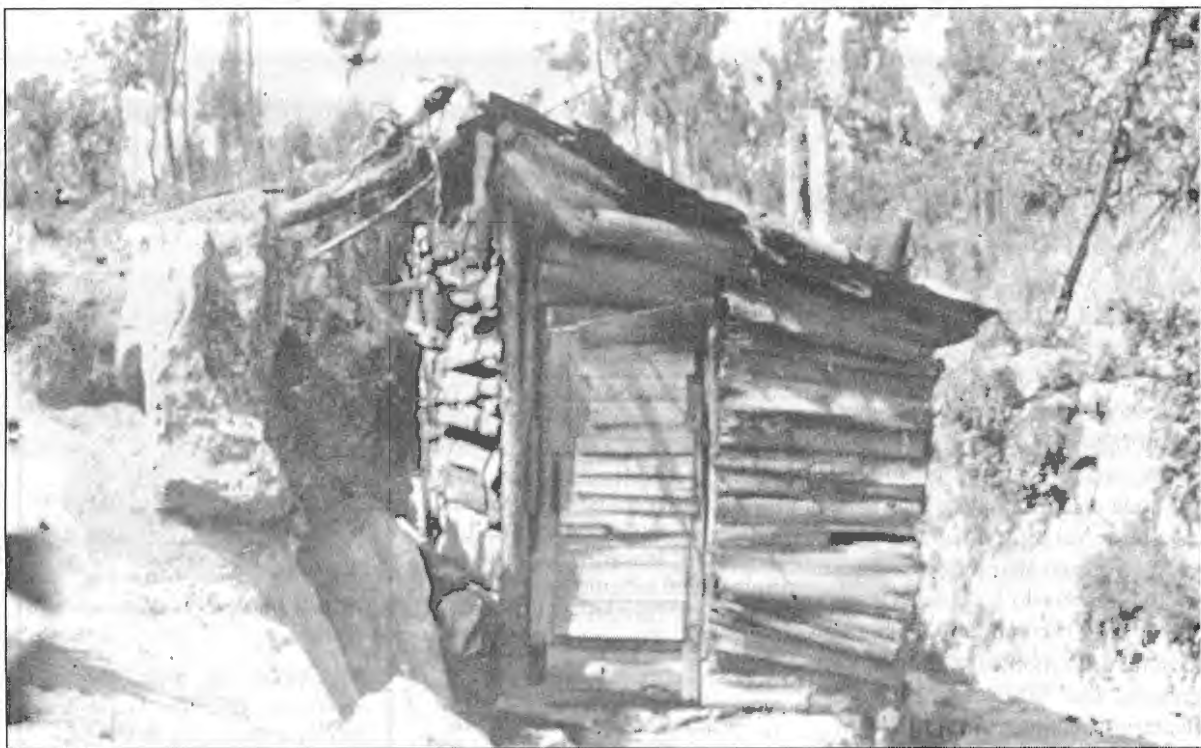
DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898



Há muitas famílias abarracadas em vários pontos do País!

O problema da Habitação

Cont. da 1.ª página

Pai Américo aparece-nos no caminho desta reflexão. Ele assumiu a sorte dos sem-casa. Por isso, sofreu. Buscou o remédio. Encontrou-o e não descansou, que o anúncio da boa notícia havia de ser levado a todos os cantos. À hora da sua morte, as três mil e quinhentas moradias levantadas para os Pobres testemunhavam que no dar as mãos esconde-se um capital seguro e eficaz, sobretudo no meio rural.

A Igreja tem este segredo. Pai Américo entrou nele e fez. Depois pregou. Este é o caminho da Igreja. Não vejo outro, se quer ser ouvida e admirada para, depois, ser seguida.

O movimento do Património dos Pobres, continuado pelos pequenos auxílios à Autoconstrução, nasceu do coração da Igreja. Ela, pois, guarda um tesouro de energia capaz de mexer com as comunidades, de modo a não permitirem que haja famílias sem habitação

digna no seu seio. Esta deve ser a preocupação prioritária. Será? A nível local, nos meios rurais, em especial, a experiência continua a dar os seus frutos.

Mas não chega. É necessário que o Estado ocupe o seu lugar. As Autarquias o seu, também. Não tem sido assim, para nossa desgraça.

Ele há terreno. Ele há dinheiro. Então, que falta para que o Estado esteja no seu lugar? Falta vontade política. Depois, a decisão para enfrentar o problema da habitação com medidas humanas, ajustadas à realidade concreta das famílias para quem são tomadas. De contrário, é uma mentira. É preciso banir o mercantilismo quando se procura resolver o problema da habitação das famílias que, de verdade, não têm meios. A dignidade da família não pode ser negociada!

Padre Manuel António

ÁFRICA

• Correspondência de Família

«Depois de um pequeno período de férias junto dos nossos, nas terras de Benguela, e sobretudo depois de uma passagem tão saudosa pelo nosso Cavaco; e, porque não dizê-lo?, depois de ter visto de novo as instalações da nossa Casa do Gaiato, tenho a alegria de lhe falar a partir do Huambo onde me encontro para continuar a caminhada formativa em direcção ao Sacerdócio. Às portas de mais um ano lectivo, faço votos e espero que a vontade santíssima de Deus será feita!

Passei bem as férias, tive umas três semanas de experiência pastoral na Paróquia de S. José da Caponte, Lobito, outras duas semanas passei-as no Seminário do Bom Pastor, de Benguela; foi bom, vi que não só repousei, mas fiz algo para o meu crescimento e algo para o próximo e, sobretudo, fui vendo um ou outro gaiato. Os encontros, embora esporádicos, com os gaiatos, têm sido muito consoladores; não só recordamos um passado que já não possuímos, mas animamo-nos mutuamente na esperança de um novo dia e de novos horizontes.

Vi o Vieira e a Rosa, os pequenos deles estão bons e a menina está crescendo. O Vieira sempre exemplarmente trabalhando de manhã e à tarde. Estive com o Gabriel que me

deu notícias sobre vós, em casa dele todos estão bem de saúde, só o nosso Luís é que continua lamentavelmente doente! O Solano e a Bety, muito simpáticos e amigos, continuam no S. João, os pequenos da casa estão bons e vão avançando nos estudos, assim como o Luciano e os seus, estão todos bem. Vi o Adão e a Fátima; naquele prédio os dois casais gaiatos fazem como que uma só família; vi o Paulo como num relâmpago, já nos últimos momentos; o nosso Xavier e a Adriana estão bons, os dois agora são professores e estudantes; o Justino já retomou os trabalhos na Cáritas, continua muito trabalhador e zeloso, mais manso e há maior harmonia no lar. É uma graça, depois daquelas peripécias da tropa; enfim, é consolador o espírito de família que existe entre os antigos e sobretudo

o bom exemplo e responsabilidade e seriedade no serviço. Que Deus continue a abençoar-nos para sermos filhos dignos de Pai Américo e, portanto, cristãos e homens comprometidos, com os quais a Igreja e a sociedade podem contar!

As nossas Irmãs do Gaiato, as do S. Salvador, continuam aí no Cavaco e como sempre com muito trabalho, mas ultimamente ainda mais, assim me dizia a Irmã Úrsula; já melhoraram muito as instalações do dispensário, enfim estamos todos ansiosos pelos novos tempos e esperamos que os novos ventos tragam sorriso à nossa terra, que as trevas não ofusquem o nosso sol que desponta para todo o mundo e que chegue até nós um raio da sua luz; enfim, só Deus sabe se pode conceder esta graça e nós pedimo-la com fé e esperança de que um dia tenhamos Paz na nossa terra e tenhamos a nossa casa!

Manuel Kalemba»